

O Materialismo Histórico Dialético e Paulo Freire: implicações na avaliação da aprendizagem

Dialectical Historical Materialism and Paulo Freire: implications in the evaluation of learning

Andressa Rodrigues dos Santos¹; Monica Lopes Folena Araújo²

Universidade Federal Rural de Pernambuco 1

Email: andressa.biology@gmail.com 1

Universidade Federal Rural de Pernambuco 2

Email: monica.folena@gmail.com 2

Resumo

O positivismo produziu uma escola marcada por práticas autoritárias e pela memorização dos conteúdos, contrariando essa lógica, surge o materialismo histórico dialético, influenciando pensadores como Paulo Freire. Buscamos nesse artigo analisar as contribuições do materialismo histórico dialético de Karl Marx e do pensamento Freireano para as concepções de avaliação da aprendizagem. Freire compreende a avaliação como instrumento de reflexão sobre a prática, devendo ser dialógica e democrática, assim, professor e estudantes atuam de forma consciente, a favor da educação emancipatória.

Palavras chave: Freire, educação emancipatória, avaliação da aprendizagem.

Abstract

Positivism has produced a school marked by authoritarian practices and by the content's memorization. Countering this logic, dialectical historical materialism arises, influencing thinkers such as Paulo Freire. In this article we seek to analyze the Karl Marx's dialectical historical materialism contributions and the Freire's conceptions about evaluation of learning. Freire understands evaluation as an instrument of reflection on the practice, being dialogical and democratic, thus, teachers and students act in a conscious way in favor of the emancipatory education

Key words: Freire, emancipatory education, learning assessment.

Introdução

Em 1867 foi publicado, na Alemanha, a primeira parte da obra de Karl Marx denominada “O Capital”, não foi a primeira obra do autor, mas, a mais gestada, foram quase vinte anos de estudos e investigações para apresentar à sociedade os seus resultados no campo da economia política, até chegar a esta obra, que ainda não se apresentava totalmente finalizada, sua produção intelectual prévia abrangia trabalhos nos campos da filosofia, teoria social,

historiografia e também economia política. Sua filosofia foi influência por Hegel e Feuerbach, onde, do primeiro, aproveitou a dialética e, do segundo, o humanismo naturista. Entretanto, nem a dialética na perspectiva hegeliana, nem o humanismo naturista de Feuerbach se mantiveram sob a perspectiva dada por esses autores. Da dialética, Marx retira o elemento idealista hegeliano, que compreende as ações do homem como uma mera manifestação externa das ideias, e advoga que, na verdade, o que se encontra nas ideias nada mais são do que um reflexo do material, que é transposto e traduzido na cabeça do homem (MARX, 2013; MARX; ENGELS, 2001)

Em relação ao materialismo de Feuerbach, na sua obra “Fundamentos para a Filosofia do Futuro”, o autor propõe substituir a religião cristã pela religião da humanidade, onde o materialismo se apresenta como um humanismo que reintegra o homem à sua verdadeira natureza, o de realizador de suas potencialidades (MARX; ENGELS, 2001):

A reelaboração da dialética hegeliana, realizada por Marx e Engels, resultou numa “revolução filosófica: a integração do princípio da dialética no corpo do materialismo e a reconstrução deste como materialismo dialético” (MARX; ENGELS, 2001, p.14). A dialética de Hegel ficava circunscrita ao espírito, Marx modifica essa concepção colocando-a ligada à matéria, “para ele (Marx), a dialética explica a evolução da matéria, da natureza e do próprio homem; é a ciência das leis gerais do movimento, tanto do mundo exterior como do pensamento humano” (GADOTTI, 1990, p.19). Marx queria que a dialética analisasse as questões históricas da humanidade a partir do material, da natureza, e não desconexa a ela, já que a história da humanidade tem sua origem na mesma. O autor entende que, assim como Hegel, o movimento se dá pela contradição, porém, entende que esse contraditório – luta de contrários, encontra-se no próprio objeto e na sua interação com as coisas ao seu redor, diferentemente de Hegel que localiza o contraditório na lógica, para Marx e Engels, não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência.

Portanto, a dialética é exatamente o oposto da metafísica, de tal modo que diferentemente desta, aquela entende a natureza como um acúmulo de fenômenos e objetos desconectados uns dos outros e independentes, ao contrário, objetos e fenômenos ligam-se e encontram-se dependentes de tal forma que se condicionam mutuamente. Por isto, o método dialético considera que, diferentemente da concepção positivista, os fenômenos não podem ser compreendidos de forma isolada. Na concepção materialista dialética, a natureza também não é imutável, está em constante mudança, renovação, desenvolvimento, por isto, o método dialético prescinde não apenas a compreensão do fenômeno e o seu contexto, mas também, o seu movimento, suas mudanças no desenvolvimento, considerando seu surgimento e sua extinção.

Ou seja, leva em consideração o processo, onde mudanças quantitativas insignificantes, imperceptíveis, acabam por resultarem em mudanças qualitativas que produzem modificações no seu estado, de modo que esse desenvolvimento não é meramente cíclico, repetitivo, mas progressivo, ascendente, do simples em direção ao complexo, do inferior ao superior.

Tanto a dialética quanto o materialismo histórico, constituem elementos muito fortes da filosofia Marxista, através dos quais se descortinaram novas formas de compreender e apreender o mundo e a realidade que nos cerca, influenciando no modo como se concebe a estrutura e funcionamento dos processos mentais, mas, não nega a lógica formal. Entende que a lógica formal e a lógica dialética se complementam, pois, a primeira é capaz de classificar, distinguir; mas, só a segunda permite a compreensão do movimento incessante inerente ao desenvolvimento (GADOTTI, 1990).

Diante do exposto, o presente artigo tem por objetivo analisar as contribuições do materialismo histórico dialético de Karl Marx e do pensamento Freireano para as concepções de avaliação da aprendizagem.

Metodologia

O estudo constitui-se uma pesquisa bibliográfica, na qual buscamos evidenciar alguns teóricos/filósofos que trouxeram mudanças de perspectivas sobre a compreensão do mundo e do conhecimento. Buscamos também trazer autores que nos permitem compreender melhor as mudanças paradigmáticas promovidas por esses filósofos. Para tal, seguimos as orientações de Lima e Miotto (2007) que nos apontam para a necessidade de realização de uma sequência de procedimentos envolvendo quatro fases: elaboração do projeto de pesquisa; investigação das soluções; análise explicativa das soluções; e síntese integradora.

O exame – positivista, versus a avaliação – materialista histórica dialética

Tendo em vista que a escola constitui o “instrumento mais acabado de reprodução das relações de produção de tipo capitalista” (SAVIANI, 1999, p.33), suas práticas contribuem, portanto, para a formação de força de trabalho e inculcação da ideologia burguesa, isso fica evidente na forma como a lógica de produção industrial é transposta para a escola, dando lugar a uma pedagogia do exame no lugar de uma pedagogia que esteja voltada para construção significativa dos conhecimentos para transformação da realidade.

Essa pedagogia do exame está pautada no que Freire chama de “concepção bancária da educação” que considera os estudantes como meros receptáculos de um conhecimento pronto, onde conteúdos são desconexos da experiência dos educandos, tornando as palavras vazias, sem significado e, portanto, alienantes, de tal forma que os estudantes realizam apenas a memorização mecânica do conteúdo, Freire defende, então, uma educação libertadora que, contrária à educação bancária, apresenta impulso conciliador em vez de estimular a contradição, a ingenuidade que não os permite transformar, mas sim, adaptá-los ao mundo.

Sendo assim, a educação bancária, decorrente da visão positivista, que converge para uma pedagogia do exame, está a serviço de uma educação domesticadora, o que traz, por sua vez, implicações na organização curricular, nos conteúdos a serem estudados, nos métodos e estratégias de ensino, na formação dos professores e na forma como acontecem as avaliações.

Se optamos por uma prática progressista, libertadora, não é coerente que realizemos imposições, os estudantes precisam testemunhar o diálogo, a negociação, a democracia, por conseguinte, os conteúdos vivenciados devem ser contextualizados, assim como devem levar em consideração a experiência e os saberes que os estudantes trazem à sala de aula. Ou seja, os conhecimentos prévios, portanto, Freire defende uma educação crítica-dialógica, uma “pedagogia da pergunta” (FREIRE, 1995, p.83) que para se realizar, além da necessária “práxis”, compreende também o planejamento e a avaliação da prática, através da avaliação se compara objetivos com finalidades; acertos, erros e imprecisões são identificadas, de modo que se torna possível corrigir, melhorar e aumentar a eficiência da prática educativa (FREIRE, 1989).

Portanto, entendemos que há uma estreita relação entre planejamento e avaliação, e mais, nenhuma dessas duas atividades podem acontecer distantes da práxis: agir, refletir, planejar, avaliar, são elementos que não são estanques, que estão constantemente em processo, são

elementos que compõe o ciclo da ação docente que tem por objetivo a emancipação e autonomia dos estudantes.

Freire nos deixa evidente o caráter reflexivo que deve permear o planejamento e a análise dos dados, mas não só isso, para além de refletir, é preciso agir, de modo que a ação em favor da mudança da realidade posta se torna uma característica importante de quem avalia. Se, ao contrário, não se age a favor da melhoria, apenas se constata uma realidade e não se atua para modificá-la, não estamos avaliando, estamos sim, verificando, examinando. E, por conseguinte, estamos atuando de modo excludente e classificatório.

Sendo assim, no que tange ao processo avaliativo, podemos afirmar que existem duas vertentes: numa perspectiva positivista, temos o exame; numa perspectiva materialista dialética, temos a avaliação da aprendizagem. Freire, aos nos trazer reflexões sobre a importância do ato de avaliar, nos lembra que uma escola competente deve respeitar a forma de estar sendo dos estudantes, “seus padrões culturais de classe, seus valores, sua sabedoria, sua linguagem” (FREIRE, 1995, p.42), de modo que os instrumentos avaliativos, que são aqueles através dos quais são realizadas as coletas de dados para proceder à avaliação, devem levar em consideração o contexto dos estudantes. Tais instrumentos devem buscar compreender o processo de construção do conhecimento, e não ser um instrumento “de aferição aplicados às crianças cujos condicionamentos de classe lhes dão indiscutível vantagem sobre aquelas” (FREIRE, 1995, p.42). Ou seja, não há como de pronto modo, cobrar que crianças e jovens que fazem parte da escola pública popular se expressem da mesma forma que crianças de escolas de classes favorecidas, é preciso que esses elementos sejam respeitados para, então, serem superados.

Importante ressaltar que Freire não defende que se negue às crianças populares o estudo “burguês”, pelo contrário, a ele importa que a escola seja um espaço que não discrimine, mas que os critérios avaliativos sejam democráticos e que estejam interessados no preenchimento de lacunas experienciais das crianças. A escola deve, portanto, ajudar as crianças a superar obstáculos no processo de conhecer, deve ser um local onde, a “criança popular ou não, tenha condições de aprender e de criar, de arriscar-se, de perguntar, de crescer.” (Idem, p.42).

Assim, a condição de classe das crianças e jovens não é determinista, ela é passível de ser superada através de uma escola democrática, que esteja atenta a essas questões de contexto. Portanto, a escola e seus atores sociais devem compreender a lógica por trás dos sistemas de ensino, carregada ainda da filosofia positivista com sua lógica capitalista e competitiva, que acaba por transformar as práticas avaliativas e o próprio fazer docente ditatorial e, por isso, excludente.

Considerações Finais

A partir do exposto podemos perceber que a filosofia de Karl Marx influenciou o pensamento de Paulo Freire, identificamos essa convergência de ideias quando Freire traz para a prática docente o diálogo; a negociação; e o ensino crítico e problematizador como forma de promover uma práxis – reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Por isto, Freire defende a impossibilidade de neutralidade na educação, pois, é através do entendimento de que a situação não é favorável aos oprimidos, que os atores sociais da educação podem agir no sentido da não perpetuação do *status quo*.

Nessa perspectiva, o ensino deve valorizar os conhecimentos prévios e o contexto no qual está inserido e, além disso, as estratégias e metodologias devem ser refletidas previamente e,

portanto, planejadas. Freire não concebe uma prática de ensino sem a avaliação, e a concebe como ferramenta que permite a compreensão da relação objetivos-finalidades; como meio de reflexão sobre a prática, identificando através dela erros, acertos e imprecisões; nessa acepção, a avaliação não é reduzida a um instrumento de verificação, ou seja, ao exame; ao contrário, a avaliação deve estar a favor da emancipação dos sujeitos, dando a eles meios de superação, portanto, deve ser dialógica e democrática, permitindo que professor e estudante ajam numa direção conscientes de suas ações, nessa relação, professor e estudante aprendem e constroem juntos saberes e práticas condizentes com a realidade na qual atuam.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 23.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

_____. **Educação e Mudança**. 12.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se complementam**. 23.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Educação na Cidade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Política e Educação**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GADOTTI, M. A dialética: concepção e método. In: _____. **Concepção Dialética da Educação: um estudo introdutório**. 7.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1990, p. 15-38.

_____. **A Escola e o Professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>. Acesso em 19 ago. 2018.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 32 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1999.